

467. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 2, 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

467.1. GENOCÍDIO LINGUÍSTICO - ABR 2008

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou gramáticas. *Nettle e Romaine* afirmam “*metade das línguas faladas em todo o mundo pode desaparecer.*” Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, arguem (Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World’s Languages* Oxford University Press 2000)

A extinção linguística faz parte do colapso dos ecossistemas mundiais. As batalhas para preservar os recursos ambientais, florestas tropicais, não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural. A causa da morte das línguas assentam na interligação entre a ecologia e a política. Existe um desconhecimento profundo sobre as línguas, desde o número e tamanho, aos nomes e locais. Metade desaparecerá até ao fim do séc. XXI. Em números concretos, a cada quinzena, morre uma língua.

Línguas

Indonésia	694 (9,5% do total)
<i>Papua Nova-Guiné</i>	673
<i>Nigéria</i>	455
<i>Índia</i>	337
<i>Camarões</i>	247
<i>Austrália</i>	226
<i>Rep. Dem. Do Congo</i>	206
<i>México</i>	188
<i>China</i>	186
<i>EUA</i>	165
<i>Brasil</i>	150
<i>Vanuatu</i>	104

Rússia	90
<i>Angola</i>	37
<i>Moçambique</i>	35
<i>Itália</i>	30
<i>Turquia</i>	30
<i>França</i>	27
<i>Alemanha</i>	22
<i>Guiné-Bissau</i>	15
<i>Espanha</i>	13
<i>S. Tomé e Príncipe</i>	4
<i>Macau</i>	3
<i>Cabo Verde</i>	2
<i>Timor-Leste (talvez 36)</i>	não consta da lista

O ano de 2008 foi o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU. A data passou despercebida porque a extinção das línguas não se sente como a inflação, a depressão económica, um tsunami ou sismo.. A longo prazo a tendência é a extinção. Não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais ancestrais. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao modo de pensar e de vida, às tradições, ao seu saber.

A língua é uma catedral imponente, enorme esforço criativo, rica tapeçaria do conhecimento. A *Capela Sistina* ou *Mona Lisa* nunca desapareceriam sem guardar os traços dessas obras-primas. *David Crystal* chama **netspeak** à “língua da rede” Entrevista 12/09/07 <https://www.solinguinglesa.com.br/conteudo/reportagens9.php>

“O crescimento das línguas do mundo funciona como um trator, esmagando os idiomas no caminho. Não é um fenómeno restrito a duas ou três línguas. Não é apenas o inglês que ameaça línguas nativas na Austrália, ou o português que põe em perigo idiomas indígenas no Brasil. Entre os seus fenómenos estão as subversões da ortografia nos blogues, no correio eletrónico e o aumento no ritmo da extinção de idiomas. Estima-se que em cada quinzena desapareça um.

Em correspondência com *David Crystal*¹ este afirmava-me (2002)

“Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas nativas.”

Na Austrália os colonizadores (séc. XIX) tentaram “civilizar” os aborígenes com valores ocidentais, escolas e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi criminosamente notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar os valores da sociedade branca (Aboriginal Stolen Generation” peça “Stolen,” Companhia de Teatro Ilbjerri Aboriginal and Torres Strait Islander, 1992, representada no London’s Tricycle Theatre, julho 4-15, 2000). De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de uma língua que não a inglesa.

A Austrália foi colonizada com gente de Inglaterra e 26 países.² Quando os primeiros colonos arribaram (1788) havia 250 línguas aborígenes e 600 dialetos, sobrevivem 250. Tinham vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros da sociedade, com mais de dez mil étimos, terminologias específicas para cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e identificavam-se pela geografia e língua. A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções, pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras. Em 2008, 10% da população aborígene australiana falava um dos remanescentes 250 dialetos. Destes, 160 desapareceram ou falados apenas pelos anciãos. Dos restantes 90 dialetos apenas 20 têm uso diário (in Dr. Annette Schmidt, 1990), os maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3-4 mil falantes, e as restantes seis línguas

1 correspondência com o autor em 2001 Professor David Crystal.

2 (Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egito, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788)

mil falantes. 15 mil pessoas falam Aborigin Krill e Crioulo das Ilhas Torres. Dos que sobrevivem, metade tem entre dez e cem pessoas capazes de os articularem. (in *Aboriginal Australian Encyclopedia*, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 94.)

O campeão da extinção de línguas é o Brasil. Das 1 100 indígenas, 180 sobrevivem.

467.2. LITERATURA AÇORIANA (TRADUZIDA). DANIEL DE SÁ, ABR. 2008

O debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» é antigo. Onésimo escreveu dois livros e coordenou outro (A Questão da Literatura Açoriana (1983), Da Literatura Açoriana – Subsídios para um balanço (1986) e Açores, Açorianos, Açorianidade (1989).

Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), independentista, como candidato a Presidente da futura República e contra a vontade de vários autores, os separatistas usaram a literatura como sinal da identidade nacional.

Hoje, é questão arrumada. Cristóvão de Aguiar contesta a expressão, outros agarram-se a ela, um terceiro grupo olha-a com bonomia e cita Wittgenstein para explicar que se trata sobretudo de uma expressão útil. “Se há literatura cabo-verdiana ou literatura são-tomense, contestar a existência de uma literatura açoriana é sinal de «um restinho de Inquisição»,” diz Onésimo. «É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa», diz Eduardo Bettencourt Pinto, angolano que se tornou «escritor açoriano por escolha própria.

Prevalece a opinião de Pedro da Silveira, das Flores (1922-2003 “A Ilha e o Mundo” 1953): «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa, o que é diferente, de sair do gueto que lhe tem sido a sina», escreveu na entrada «Açores» (Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária 1977 João José Cochofel Iniciativas Editoriais):

Podemos citar três centenas de autores relevantes:

A Universidade Brown tem uma cadeira de Literatura Açoriana e em Ponta Delgada (UAç), Urbano Bettencourt ministrou literatura açoriana (licenciaturas) e um módulo de 10 horas (Cursos de verão) e declarou “na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil orienta um curso de literatura açoriana em pós-graduação.” Como recém-chegado tive o privilégio de aprender idiossincrasias micalenses e picoenses quando, traduzi Daniel de Sá e Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que lhes apõem nos dicionários. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias.

Deduzem-se da leitura destes autores, características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um caráter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes do arquipélago tão afastados da metrópole como há séculos atrás;
3. como se recortam os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que o 25 de abril alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra. Nem apurei se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se impõem condicionando a presença humana, para evidenciar a sua diferença, neste caso a açorianidade? Estando esta presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de tradutor, por mais empenhado que possa estar pela sua tradução.

A existência de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela açorianidade. (Machado Pires, A.M.B., Vitorino Nemésio: Rouxinol e Mocho, Câmara Praia da Vitória, 1998, 92 pp.). Pedro da Silveira captou “as mundividências açorianas,” e na poesia “as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social.” Eu apenas captei uma fotografia da alma dos escritores que traduzi. Assis Brasil diz “Daniel de Sá (Ilha grande fechada, Salamandra 1992) revela facetas da identidade insular, da ilha de origem.”

“Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Os componentes tradicionais da literatura açoriana: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras. Daniel de Sá (Crónica do despovoamento das Ilhas. Salamandra, 1995) mostra-nos outra realidade: não há quem abandone a ilha, todos são prisioneiros desse cárcere que se circunda de infinitude por todos os lados. Temos crónicas que tratam dos teres e haveres açorianos, mas cujos interesses vão além.”

No plano da linguagem, o Autor (“O Pastor das Casa Mortas” (ed. VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados, por entre o pastoreio na verdadeira apologia da solidão física que é o retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só para toda a vida.

Como o autor diz trata-se de um livro dedicado “Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.” A narrativa em terminologia não-insular é uma ode ao açoriano isolado, num amor perdido que se encontra quando Caronte ronda.

A transposição da naturalidade geográfica da personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do “Pastor” não será gémea da que acompanha “*Santa Maria: a Ilha-Mãe.*” Em ambas as obras “*as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém.*”

Trata-se de uma visita não ao “despovoamento das ilhas” mas o país real, montanhoso, interior de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo, no que tem de mais genuíno e identificador, antes se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Nem há a memória plural, de Gaspar Frutuoso, mas sim a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas na digressão pela Beira Alta.

As Casas Mortas são um resultado inelutável da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor que nos levou a ver e rever várias vezes, uma só passagem para lhe dar o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia da prosa. Pensei que seria única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra. O resultado é rico, denso e tenso, a prosa enovelando em diálogos simples um enredo que prende.

O outro livro intitulado “Santa Maria Ilha-Mãe” (Ed. VerAçor 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica, a magia da infância em cores simples mas nítidas. De como os Açores conviveram com o isolamento de séculos, a ameaça constante dos piratas, a inculcar vincadamente as crenças religiosas, na ilha que não foi muito assolada por terremotos nem explosões piroclásticas. Essa mundividência, leva-nos num interessante guia turístico.

O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa “*Ilha-Mãe; Island Mother*” ou como o autor notaria: “*Não se trata de “mãe” com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liquei com hífen. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo...*” O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, eram a capela de N Sra do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro” e nós sentimos os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

“Embora vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa!”

Todas as personagens, são credíveis. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie McDonald

“A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.”³

Já a tradução de Manuel Serpa “*Da pedra se fez vinho / When rock became wine*” foi um exercício inesquecível. Com a ajuda de conterrâneos do autor, houve explicações à guisa de glossário, em profusas notas de tradutor. Para um leitor não-insular o texto seria incompreensível, era necessária a intertradução do falar picoense antes de vertido num inglês pouco shakespeariano.

“Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, um capítulo naufragado da História Trágico-Marítima, nas ilhas de Timor, de Bali, na então [pen]ínsula de Macau [fechada da China pelas Portas do Cerco], na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilha esquecida que é o nordeste transmontano.”

David Crystal⁴ salienta “*a língua inglesa substituiu idiomas nativos como o Cambriano, Cornualhês, Norn e o galês Manx, embora esteja a ser substituída pela sua variante norte-americana.*”

Ao ler trabalhos na língua de Saramago, do colombiano García Márquez, do egípcio Naguib Mahfouz (apenas 4 livros traduzidos para português) devemos ser sempre humildes em relação aos colegas tradutores, capazes de penetrarem as mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua .

Foi o que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade dos autores que traduzi e afirmo que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

Cito um exemplo (1998) do jornal The Boston Globe, em que as vendas na Rússia de um ‘depilador’ tinham sido objeto de promoção como sendo um ‘tónico capilar’ para desespero de todos os recém-carecas. Outros exemplos abundam como o da água mineral “Blue Water” anunciada em Ucrainiano como “bluvota” [vómito] ou ainda o anúncio do champô “Wash and Go” que em Russo soa a ‘vosh’ ou piolho. Admitamos que traduções semelhantes são infelizmente correntes em material promocional do arquipélago como aconteceu há anos com o belo livro turístico promocional “Triângulo Dourado” editado pela Clássica Publicações.

Dei conta da extinção das línguas, que têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Ignoramos a perda diária de línguas e nem sentimos a sua falta, outros acreditam que a pluriexistência é uma praga que assola a humanidade desde a Torre de Babel, em vez de ajudar a comunicar serve para confundir pela diversidade. Felizmente há muitos clamores alegando que a extinção das línguas é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, como as diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada. A sobrevivência dos idiomas depende de todos nós pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra.

Usemos a Internet para proteger e recriar as línguas antes que se extingam. A tradução é essencial para reconhecer uma Nova Europa, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto direto e instantâneo com culturas de vários países. Possam também descobrir a rica cultura açoriana.

3 Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor.

4 (Cambridge Encyclopedia of the English Language, David Crystal Cambridge University Press ISBN 0521530334)